

PRÁTICAS (TRANS)COMUNICATIVAS CONTEMPORÂNEAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE DOIS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

CONTEMPORARY (TRANS)COMMUNICATIVE PRACTICES: A DISCUSSION ON TWO KEY CONCEPTS

*Maria Inêz Probst Lucena*¹

*André Marques do Nascimento*²

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar e problematizar dois conceitos considerados pertinentes para a compreensão das práticas comunicativas contemporâneas, considerando-se os efeitos dos processos de globalização. Desta forma, são abordadas as concepções de *práticas transidiomáticas* e *translinguagem*, com especial ênfase em suas motivações epistemológicas; seus escopos de abrangência empírica, ilustradas com exemplos de práticas comunicativas geradas em cenários de complexidade; bem como as possíveis convergências e divergências entre essas concepções. Argumentamos pela validade destas concepções que, em complementaridade, possibilitam maior acuidade na compreensão de práticas comunicativas híbridas, complexas e criativas na realidade linguística contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Concepções de língua(gem). Globalização. Práticas Transidiomáticas. Translinguagem.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present and discuss two relevant concepts related to the understanding of contemporary communicative practices, considering current effects of globalization processes. Thus the concepts of transidiomatic practices and translanguaging are here addressed, with special emphasis on their epistemological motivations; their scopes of empirical coverage, which is illustrated with examples of communicative practices generated in complex scenarios; as well as the possible convergences and divergences between them. We argue for the validity of these conceptions which considered complementarily, enable greater accuracy in understanding hybrid, complex and creative communicative practices in contemporary linguistic reality.

KEYWORDS: Language conceptions. Globalization. Transidiomatic Practices. Translanguaging.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); lucena.inez@gmail.com

² Universidade Federal de Goiás (UFG); marquesandre@yahoo.com.br

PRÁTICAS (TRANS)COMUNICATIVAS CONTEMPORÂNEAS: UMA DISCUSSÃO SOBRE DOIS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, transformações sem precedentes geradas pelos processos de globalização geocultural afetaram as sociedades em todo o planeta. Limites modernos de tempo e espaço foram alterados, potencializando fluxos e contatos de pessoas, mensagens, tecnologias e recursos comunicativos que, se de alguma forma sempre existiram, na modernidade recente tornaram-se inéditos em sua intensidade, rapidez e abrangência. A mobilidade e a complexidade de tais fluxos, naturalmente, tornaram mais salientes os desafios enfrentados para a compreensão das relações humanas, nelas incluídas suas práticas comunicativas que, desde perspectivas hegemônicas de estudos da linguagem, continuam sendo abordadas e fortemente influenciadas pelos ideais imaginados e utópicos de comunidade (PRATT, 2013 [1987]).

Blommaert (2010) destaca a importância de serem reconhecidas as transformações vivenciadas pelas sociedades contemporâneas num mundo altamente globalizado e, conseqüentemente, de paisagens semióticas cada vez mais móveis e complexas. Para o autor, esta configuração, que também é geopolítica, impõe aos estudos da linguagem, mais precisamente à sociolinguística, uma urgente revisão de seu aparato conceitual e analítico, de modo que possa captar com maior precisão as dinâmicas culturais, sociais, políticas e históricas das práticas comunicativas humanas, concebidas, desde sua proposta, não a partir do objeto moderno e estável “língua”, mas de recursos linguísticos móveis e heterogêneos, “enquadrados em termos de redes, fluxos e movimentos transcontextuais” (BLOMMAERT,

2010, p.1). Esta mudança paradigmática demandaria “novo vocabulário para descrever eventos, fenômenos, processos, novas metáforas para representá-los, novos argumentos para explicá-los – aqueles elementos da imaginação científica a que chamamos teoria” (BLOMMAERT, 2010, p.1-2)

Nesta direção, buscamos neste trabalho apresentar e problematizar concepções contemporâneas que buscam descrever práticas comunicativas concretas situadas no mundo globalizado atual e que refletem o fluxo sem precedentes de pessoas, tecnologias, textos e recursos linguísticos. Dedicamos especial atenção às concepções que visam captar a hibridez de práticas comunicativas constituídas por recursos de diferentes repertórios comunicativos (tradicionalmente reconhecidos como línguas) que emergem em situações reais de comunicação face a face ou que são mediadas pela escrita e/ou outras tecnologias de comunicação e informação. Neste sentido, nas próximas seções, abordamos as concepções de “práticas transidiomáticas” (JACQUEMET, 2005; 2016) e “translinguagem” (GARCÍA, 2009; GARCÍA & MENKEN, 2010; GARCÍA & WEI, 2014), buscando apresentar as motivações epistemológicas para a proposição destas concepções; seus escopos de abrangência empírica, e, por fim, convergências e divergências entre essas concepções.

A discussão aqui proposta é especialmente motivada por nossas práticas de docência e pesquisa junto a grupos culturalmente diversos, que nos fornecem constantemente elementos empíricos e nos fazem, por um lado, colocar em cheque a validade de concepções fixas e totalizantes de “língua” e, por outro, refletir criticamente a partir de perspectivas que visam se aproximar de práticas comunicativas concretas num mundo sociolinguisticamente profuso e complexo. Neste sentido, para além dos conceitos abordados, enfocamos práticas comunicativas performadas em zonas de contatos interculturais que, em nossa interpretação, constituem trajetórias e são constituídas nas trajetórias de vidas fundadas em movimentos transcontextuais e transculturais de pessoas que buscam fazer sentidos de seus mundos utilizando recursos linguísticos móveis e heterogêneos. Desta forma, seja em práticas comunicativas de pessoas indígenas em ambientes virtuais ou copresenciais, seja na interação híbrida em ambiente escolar urbano não indígena, como os que aqui apresentamos, nossa discussão segue na perspectiva de demonstrar que são as tentativas mútuas de fazer sentido a partir de repertórios comunicativos heterogêneos e complexos que sustentam a dinâmica dos processos de negociação e mediações interculturais, existentes nesses contextos.

1 PRÁTICAS TRANSIDIOMÁTICAS: DEFINIÇÃO E ESCOPO

Ao considerar os efeitos da globalização geocultural nas práticas comunicativas, Jacquemet (2005, p.257) propõe que o campo de estudos da linguagem considere as “qualidades recombinantes da mistura, hibridização e crioulização linguísticas”, através da reconceitualização do ambiente comunicativo, e considere práticas multilíngues, mediadas por meios eletrônicos e por recursos semióticos diversos com abrangência local e global.

De maneira geral, o autor constata o pouco engajamento dos estudos linguísticos com as teorias sobre a globalização que, quando existem, tendem a se fixarem na perspectiva distópica do imperialismo, perda e morte de línguas, ou permanecerem presos ao contexto local, às interações face a face, à experiência comunicativa não mediada e à proximidade física, mesmo quando se ocupam de situações de mobilidade, como a migração humana, por exemplo. Segundo Jacquemet, esta perspectiva é fortemente influenciada pela própria concepção moderna de língua que, no geral, concebe as comunidades de fala como entidades isoladas e homogêneas nos limites dos Estados-nação e analisa seus padrões de comunicação

também com base num objeto claramente identificável e limitado: "a língua nacional, dominante, padronizada" (JACQUEMET, 2005, p.260).

O autor propõe, assim, que os estudos contemporâneos sobre linguagem e comunicação abordem os efeitos da globalização nas práticas comunicativas e nas novas formações sociais resultantes da mobilidade de pessoas, línguas e textos, considerando, ainda, "as relações assimétricas de poder e penetrações engendradas por tais fluxos" (JACQUEMET, 2005, p.261).

Esta mudança de perspectiva na compreensão e abordagem das relações comunicativas torna-se imperativa em um mundo onde cada vez mais pessoas interagem em ambientes comunicativos histórica e culturalmente distantes, por novas tecnologias síncronas e assíncronas de comunicação. Jacquemet propõe o conceito de *práticas transidiomáticas*, ou *transidiomas*, para abordar como pessoas em mobilidade se comunicam usando uma multiplicidade de meios face a face e de longa distância. Nesta direção, os conceitos buscam apreender como grupos transnacionais interagem usando recursos linguísticos e códigos diversos através de múltiplos canais. Segundo o autor, "as práticas transidiomáticas são o resultado da copresença da fala multilíngue (exercida por falantes de/reterritorializados/as) e da mídia eletrônica, em contextos altamente estruturados por indexicalidades sociais e por códigos semióticos" (JACQUEMET, 2005, p.264-265).

As práticas transidiomáticas, ou transidiomas são, portanto, facilmente reconhecíveis onde as pessoas vivenciam um multilinguismo translocal interagindo com tecnologias eletrônicas de comunicação. Desta forma, não estão contidas apenas em áreas de contato colonial e pós-colonial, mas se difundem usando múltiplos canais de comunicação eletrônica ao redor de todo o mundo. A "língua" a ser usada em cada situação depende da natureza contextual da interação, mas em todo caso será "misturada, traduzida, crioulizada" (JACQUEMET, 2005, p.266).

Jacquemet (2016, p.342) enfatiza que a ideia de prática transidiomática tem seu foco no hábito, ou seja, as práticas se tornam transidiomáticas quando, por exemplo, os/as participantes utilizam habitualmente todos os recursos linguísticos e midiáticos disponíveis para expandirem suas interações sociais cotidianas, produzindo "um estilo comunicativo massivamente fluido, em camadas, baseado no acesso a múltiplos canais comunicativos para adquirir sua forma" (JACQUEMET, 2016, p.342).

2 TRANSLINGUAGEM: DEFINIÇÃO E ESCOPO

Entendendo que os indivíduos não têm competências separadas para o uso de diferentes línguas, García critica a ideologia monoglóssica inerente à ideia de línguas como sistemas autônomos (GARCÍA, 2009) e argumenta que a comunicação plurilíngue no século XXI precisa ser reconhecida com base na *Translinguagem*.

Nessa perspectiva, as práticas de linguagem são legitimamente vistas como práticas sociais, uma vez que são entendidas nas ações dos indivíduos, que as utilizam de acordo com as necessidades contextuais e interacionais. A diversidade e a complexidade com que indivíduos multilíngues são constituídos permite a eles experimentar e utilizar recursos variados e complexos na medida que interagem em práticas comunicativas. Assim, a translíngua oferece uma maneira de capturar e expandir práticas complexas de falantes que trazem inscritos em seus corpos um repertório linguístico formado não por sistemas autônomos, mas sim, por uma ação que gera trans-sistemas semióticos e cria trans-espacos onde "novas práticas de linguagem, práticas multimodais significativas, subjetividades e estruturas sociais são dinamicamente geradas em resposta as complexas interações do século

21" (GARCÍA; WEI, 2014, p.43). A habilidade que os indivíduos têm de potencializar seu repertório linguístico-semiótico contribui para a construção de sentidos e transformação contínua desse repertório. Consequentemente, as práticas de linguagem vão se desenvolvendo de acordo com os saberes de mundo exigidos nas relações e nas interações de pessoas que fazem parte de diferentes universos que constituem suas identidades bilíngues. García critica os estudos sobre línguas em contato que mantêm o foco no estudo estrutural das línguas e não nos indivíduos posicionados em seus contextos socioculturais, destacando, ainda, que a influência de uma língua sobre outra pode ser criativa e empoderadora (GARCÍA, 2009).

Portanto, translinguagem vai além do entendimento da complexidade dos espaços e dos recursos múltiplos utilizados pelos indivíduos e busca, num sentido mais amplo, contemplar práticas de linguagem diversas, localizadas e situadas, utilizando as diversas modalidades e a multiplicidade de perspectivas. Seu conceito não evoca, apenas "uma mistura ou uma hibridização de primeira com segunda línguas" (GARCÍA; WEI, 2014, p. 25), mas envolve um processo criativo, no qual a linguagem é estrategicamente usada como um conjunto de "recursos móveis de práticas dentro de um contexto social, cultural político e histórico" (GARCÍA; WEI, 2014, p.9) que pode se adaptar a situações sociolinguísticas globais e locais, de modo que os indivíduos possam fazer sentido de seus mundos, durante a suas interações. Com foco marcadamente direcionado à educação linguística e baseando-se num modelo bilíngue dinâmico, segundo o qual se considera que haja apenas um sistema linguístico complexo e interrelacionado, constituído de recursos linguísticos heterogêneos, a concepção de translinguagem se refere a *novas* práticas linguísticas que tornam visíveis a complexidade das trocas linguísticas entre as pessoas com diferentes histórias, reconhecem as novas realidades sociolinguísticas a partir do questionamento da desigualdade linguística e tornam disponíveis histórias e compreensões "que agora são experienciadas em relação umas às outras nas interações dos/as falantes como um *novo* todo" (GARCÍA; WEI, 2014, p.21).

Assim, dentre outras tantas conceituações que evocam as recentes práticas linguísticas, García e Wei diferenciam a translinguagem de outros conceitos por considerarem que essa perspectiva consegue relacionar criatividade e produção de significados alternativos com justiça social. Além disso, segundo os autores, ela abre espaço na escola para a discussão sobre o quanto é válida a ação criativa— e também moral e política — dos alunos que inventam, recriam, traduzem e hibridizam suas práticas comunicativas (GARCÍA; WEI, 2014, p.37).

No que segue, procuramos focar brevemente exemplos de situações que consideramos como manifestações das práticas transidiomáticas e de práticas de translinguagem.

3 PRÁTICAS (TRANS)COMUNICATIVAS CONTEMPORÂNEAS: EXEMPLOS DE MUNDOS QUE FAZEM SENTIDO EM USOS SITUADOS DA LINGUAGEM

3.1 PRÁTICAS TRANSIDIOMÁTICAS

Os exemplos das práticas transidiomáticas provêm de usos complexos da linguagem performados por indivíduos indígenas no Brasil, no contexto de apropriação de infra-estruturas de globalização (WANG et al., 2013), neste caso, as redes sociais, fenômeno que consideramos como efeitos da globalização nas margens do sistema-mundo moderno/colonial.

Situação 1. Postagem no Facebook

Figura 1 - Postagem transidiomática em português e karajá.



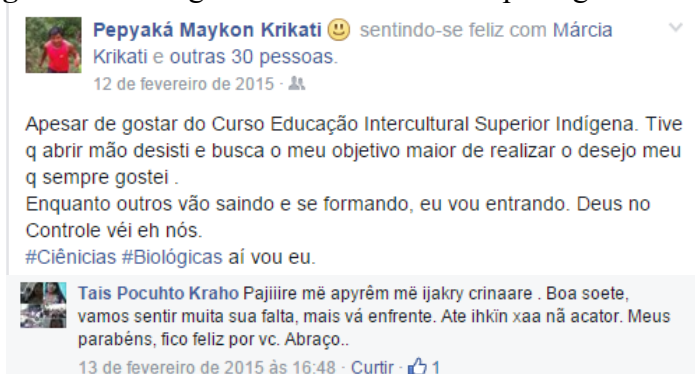
Captura de tela em janeiro de 2016.

Como pode ser observado na Figura 1, a multimodalidade integra práticas de letramento digital e imagem. Na imagem, a mobilidade geográfica, social e epistemológica é exemplificada na performance de um indígena que cursa Licenciatura em Educação Intercultural, e que transita entre sua comunidade de origem e a universidade, numa capital brasileira. Esta mobilidade se reflete no uso de recursos linguísticos do português e do Karajá, numa justaposição que, juntamente com a fotografia, caracteriza uma prática transidiomática.

Para o professor indígena, o uso de recursos do karajá é uma forma de valorizar sua língua e de chamar a atenção para as múltiplas possibilidades de letramento que este ambiente permite, apesar de considerar essa rede social ainda não plenamente preparada para repertórios indígenas. Quanto ao uso híbrido dos recursos linguísticos, entende que a complementaridade dos recursos como processo é importante para a comunicação intercultural, podendo, inclusive, desestabilizar o uso do *torirybè*, ou seja, da língua portuguesa, como língua hegemônica (comunicação a Nascimento, em janeiro de 2016).

Situação 2. Postagem no Facebook

Figura 2 - Postagem transidiomática em português e krahô.



Captura de tela em janeiro de 2016

Na situação comunicativa ilustrada na Figura 2, um estudante universitário indígena krikati informa a sua rede multicultural que mudará de curso, por isso o uso de recursos da língua portuguesa, enquanto sua ex-colega Krahô utiliza recursos do português e de sua língua³ no comentário que se segue. Sobre a razão da hibridiz linguística, a estudante indígena explica ter usado os recursos que seriam compreensíveis por seu interlocutor e, para garantir o sentido da mensagem, usou recursos da língua portuguesa, suprindo lacunas para as quais não haveria convergência entre os repertórios indígenas (comunicação a Nascimento, em janeiro de 2016).

As situações aqui exemplificadas demonstram como os usos transidiomáticos dos recursos linguístico-discursivos por usuários/a indígenas em ambientes digitalmente mediados desafiam as bases da sociolinguística tradicional e reforçam a interpretação de Jacquemet (2016), segundo a qual o que importa em ambientes globalizados não é a ideia de "línguas" que alguém fala, mas a capacidade de se fazer compreendido. É ainda relevante reconhecer nas situações apresentadas, não só o uso híbrido de recursos de diferentes repertórios comunicativos, como também o uso heterogêneo dos recursos que compõe a chamada "língua portuguesa", o que Blommaert (2010, p.85) chama de *grassroots literacy*, materializada virtualmente numa heterografia, ou seja, "o emprego de técnicas e instrumentos de letramento de formas que não correspondem às normas ortográficas institucionais, mas que nem por isso são caóticas" (BLOMMAERT, 85-86). Ao contrário, como destaca Jacquemet (2016, p.339), a emergência de formas escritas desviantes dos padrões idealizados e nacionalmente reconhecidos de escrita, especialmente em ambientes virtuais, além de fornecerem exemplos de códigos não ortodoxos, acrescentam ainda mais complexidade à compreensão contemporânea da linguagem e da comunicação.

No caso de grupos e indivíduos indígenas, essa compreensão perpassa, inevitavelmente, suas trajetórias de vida, historicamente fundadas em contatos e trânsitos interculturais, refletidos em seus repertórios comunicativos híbridos e perpassados por relações de poder, o que em nosso entendimento, aponta para uma importante limitação na proposta conceitual de Jacquemet. Nos parece incontestável que as situações (1) e (2) apresentadas representem o que Jacquemet chama de práticas transidiomáticas, uma vez que ilustram como indivíduos em mobilidade utilizam simultaneamente recursos linguísticos heterogêneos e multimodais em ambientes de comunicação virtual. Contudo, o autor funda sua definição nas práticas de grupos transnacionais, especialmente em situações de migração internacional, negligenciando, em nível teórico, a complexidade interna constituinte dos próprios Estados-nação. Nos territórios que vivenciaram de forma contundente os processos de colonização, uma das estratégias mais potentes para a constituição ideológica da nação foi a invisibilização de grupos racialmente hierarquizados, como são os povos indígenas no Brasil. Esta invisibilização nos parece refletida em estudos sociolinguísticos contemporâneos, mesmo em suas vertentes mais críticas, que predominantemente ainda fundam suas bases empíricas em contextos urbanos de grandes metrópoles (cf. WANG et al., 2013), em desatenção às formas como populações situadas às margens do sistema moderno/colonial reinventam suas existências através de suas práticas comunicativas híbridas, inclusive através da apropriação de recursos altamente globalizados. Neste sentido, consideramos necessária a ampliação do escopo do conceito proposto por Jacquemet de modo que abarque também as dinâmicas geradas pelo colonialismo interno dos Estados-nação que também são influenciadas pelo processo de globalização.

³ Os povos krikati e krahô utilizam repertórios comunicativos constituídos por recursos parcialmente convergentes, ou seja, possuem repertórios similares, apesar de não idênticos.

3.2 PRÁTICAS DE TRANSLINGUAGEM NAS SALAS DE AULAS

Os exemplos das práticas translingües aqui apresentados provêm de salas de aula da educação básica, em cujos cenários nossas investigações, desenvolvidas a partir da etnografia, buscam discutir práticas de linguagem além dos cânones racionalistas (cf. LUCENA, 2015). Nas situações a seguir, a translanguagem é usada na educação indígena e em uma escola urbana e utilizada com responsabilidade na “pedagogia bilíngue” (MENKEN; GARCÍA, 2010, p.202).

Situação 3. Em uma sala de aula de ensino fundamental, de uma escola indígena, no registro de Guerola (2012), alunos e professora fazem usos translingües em guarani e em português, reconstituindo e ressignificando suas práticas de linguagem. A translanguagem é utilizada em interações cotidianas da sala de aula, como na pergunta "alguém tem *mokói* lápis?⁴ ou em eventos de letramento, como na situação em que a professora narra uma história em português, mas muda para o guarani no momento em que lembra das palavras literais da onça, personagem de sua história. Nesse cenário, os participantes usam a translanguagem não somente “para facilitar a comunicação com os seus interlocutores, mas também para construir significado e conferir sentido ao seu mundo bilíngue” (GUEROLA, 2012, p. 26).

A translanguagem, nesse caso, ajuda a comunicação contingencial e possibilita o desempenho de papéis sociais, contribuindo para que os participantes vivenciem de modo mais intenso suas identidades híbridas que se mesclam naquele contexto situado. Translinguajando, a professora faz sentido dos signos de todo o repertório linguístico da comunidade e contribui para que os alunos passem a ter uma compreensão mais ampla do seu mundo plurilíngue. Entendemos que ao incluírem recursos semióticos provenientes de seus repertórios particulares, esses alunos e professora buscam gerar significados que não podem ser explicados a não ser a partir de uma compreensão da linguagem como uma prática social. Incorporam, assim, um papel importante para a voz, os valores e as identidades locais. A fluidez no uso da linguagem revela a não fixidez de regras e evidencia a dimensão ‘performativa’ (PENNYCOOK, 2010) em que os indivíduos atuam no contexto escolar. Desinventando o conceito de língua padrão e dinamicamente desenvolvendo estratégias de negociação para propósitos de fazer sentido nas relações que acontecem no dia a dia, as pessoas compartilham o tempo e o espaço contemporâneo semiotizado em constante negociação ao usar a linguagem em suas vivências escolares cotidianas.

Situação 4. Em outra situação, desta vez num contexto escolar de bilinguismo de escolha (ou de elite), um aluno pergunta ao professor como serão avaliados na atividade em que estão engajados (CARDOSO, 2015). Embora bastante competente no uso do inglês, ao questionar sobre a avaliação, o aluno recorre à translanguagem, unindo discursos e culturas para poder dar sentido, e com base na sua história de estudante, pergunta: “*Will this* valer nota? *We could do one, like, not* valendo nota (CARDOSO, 2015, p.122).

Conforme Cardoso (2015, p.122), o termo ‘valer nota’ é “muito forte na cultura escolar brasileira” e é utilizado quando os alunos querem saber se as atividades serão avaliadas formalmente. Assim, o professor, ao aceitar o uso da translanguagem negocia entre as demandas do currículo bilíngue imposto pela escola e as necessidades acadêmicas que acontecem no cotidiano da sala de aula. O aluno, por sua vez, usa o termo, em português, porque segundo ele, não haveria nenhuma palavra ou expressão em inglês com a força de sentido no contexto escolar equivalente a “valer nota”. Nessa configuração, os indivíduos formam um elo com seus estilos próprios, elaboram construções criativas a partir da valoração

⁴"Alguém tem *dois* lápis?"

dos saberes locais e tornam híbridas as suas práticas comunicativas. A criatividade e invenção de práticas de linguagem são, assim, características da translanguagem, cujo uso em situações escolares resulta em voz e agentividade para alunos e professores. No caso do bilinguismo de escolha, a situação (4) mostra o uso do português como marca de criatividade e de agentividade, evidenciando modos de resistência diante das normas do padrão monolíngue imposto pelas estruturas de poder da instituição, uma vez que naquele cenário somente o inglês deveria ser utilizado.

A pedagogia bilíngue comumente legitimada em cenários de bilinguismo de escolha defende o uso de uma única língua em sala de aula. Assim, considerando o fato de que esse tipo de bilinguismo está sendo muito difundido no Brasil, especialmente em centros urbanos de grande e médio porte, argumentamos que a translanguagem deve ser discutida também nessa perspectiva de ensino bilíngue. A produção de conhecimento nesses cenários pode contribuir para afastar a lógica idealizadora monolíngue, que defende o uso de uma língua a cada vez, e pode contribuir para que os alunos, criativamente, utilizem todo o seu repertório linguístico que inclui, dentre outros recursos semióticos, o português.

Essas situações mostram, ainda que brevemente, como as práticas de translanguagem contribuem para tornar menos ameaçador e mais colaborativo o processo de ensino de línguas. Além disso, nos permitem refletir criticamente sobre os usos da linguagem em contextos escolares, apontando para aspectos como a ideologia e a dinâmica dos processos de negociação e mediações interculturais subjacentes a esses usos, evidenciando a agentividade e resistência de indivíduos que vivem de maneiras diversas e sociolinguisticamente profusas nesses contextos.

Torna-se, assim, importante compreender que translanguagem vai além, mas não invalida o conceito de *code-switching*, prática também considerada estratégica e produtiva no bilinguismo. O que enfatizamos é que ao tomar como ponto de partida todas as possibilidades de *práticas* linguísticas de indivíduos bilíngues, entendemos que a concepção de translanguagem seja mais ampla e produtiva, uma vez que busca abarcar o ato comunicativo como um todo, tornando-se, inclusive, parte de um regime metadiscursivo, no qual translanguajar refere-se tanto às complexas formas de alternâncias, misturas linguísticas e co-construções de sentido, como ao contexto maior que as favorece e, no caso, as legitima (GARCÍA; WEI, 2014, p.65-66). Nas situações apresentadas em (3) e (4), o translanguajamento configura-se, assim, não só na mistura de recursos linguístico-discursivos de diferentes repertórios comunicativos, provenientes de diferentes trajetórias de vida e posicionamentos socioculturais, como nas ideologias e posicionamentos dos professores em prol da aprendizagem de seus alunos.

4 CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS ENTRE OS DOIS TERMOS

Em nossa leitura, os conceitos abordados desestabilizam as concepções teóricas e essencialistas de linguagem, trazendo à tona a noção de língua como caleidoscópio (CESAR; CAVALCANTI, 2007), imagem utilizada para representar a dinamicidade e fluidez das práticas de linguagem. Assim, tanto o conceito de Jacquemet como o de García e Wei buscam evidenciar a vivacidade natural de qualquer comunidade, uma vez que "a língua" age em função de corpos em interações múltiplas, fragmentadas e muitas vezes contraditórias (CÉSAR e CAVALCANTI, 2007, p.60). Como a metáfora do caleidoscópio, ambos os conceitos nos evocam a entender "língua" a partir da experiência da vida real e complexa em que pessoas interagem. Rompendo com a concepção moderna de "línguas" como entidades limitadas, fixas e estáveis, os conceitos abordados adotam a noção de língua como conjunto

de práticas comunicativas performadas através de recursos móveis, heterogêneos, multimodais e multi-semióticos.

Ainda que breves, nossos exemplos enfatizam a necessidade de se problematizar a validade de concepções e ideologias de linguagem para o mundo contemporâneo e de abarcar, nos estudos da linguagem, as complexas formas de contato entre pessoas e o uso de recursos linguísticos e semióticos. Procuramos mostrar, portanto, como temos tentado entender duas perspectivas dentre tantas outras “conceituações dinâmicas” (PENNYCOOK, 2010) que surgiram e que continuam surgindo nos estudos da linguagem de finais do século XX e início do século XXI.

A complexidade das práticas transidiomáticas e de translinguagem, na medida em que os processos de globalização ampliam e intensificam a mobilidade e os contatos entre grupos, nos motivam a entender a conseqüente expansão e superdiversificação de repertórios linguísticos e de práticas comunicativas. Assim, como nossas pesquisas têm demonstrado e conforme destacam Jacquemet (2016) e também García e Wei (2014), embora o contato entre grupos humanos e, conseqüentemente, entre seus repertórios comunicativos não seja fenômeno novo, os processos recentes de globalização geocultural ampliaram consideravelmente seu escopo e sua complexidade.

Como destaca Jacquemet (2005, p.270-271), "o que é novo e impressionante é a extraordinária simultaneidade e co-presença dessas línguas produzidas através de uma multiplicidade de canais comunicativos, desde a interação face a face até a mídia de massa". De modo semelhante, García e Wei (2014, p.25-26) também destacam que apesar de indivíduos sempre terem utilizado práticas de translinguagem em suas interações, essas serão ainda mais importantes em situações de interações virtuais nas quais "precisaremos nos engajar em práticas linguísticas fluidas e juntar flexivelmente traços que podem 'viajar' através de espaços geográficos para nos possibilitar participar, assim como resistir, ao nosso mundo mais globalizado".

No entanto, importa ressaltar que, embora bastante convergentes, os próprios autores apontam para diferenças entre suas concepções. Jacquemet, por exemplo, ao ser questionado sobre a diferença entre os dois termos, argumenta que a virada digital contemporânea é fundamental para a compreensão das dinâmicas comunicativas em todos os ambiente de interação. Para o autor, "de todas as novas maneiras de se pensar sobre a linguagem - e há uma geração de novas palavras - transidioma é a única que tenta refletir e representar a dimensão digital da comunicação" (JACQUEMET, comunicação a Lucena em agosto de 2015).

Sem dúvida, embora a dimensão digital seja um dos aspectos destacados em Jacquemet (2005; 2016), em García e Wei (2014) ela não aparece como o elemento da “virada” na definição de translinguagem. No entanto, como explica García (2009), importa especialmente pensar em um novo paradigma da educação multilíngue no século XXI, para o qual essa nova conceituação tenha potencial para conceber as práticas de linguagem, entre e além de sistemas tidos até então como separados. Assim, para García e Wei, a principal diferença entre translinguagem e outros conceitos contemporâneos de práticas de linguagem é que a "translinguagem [...] é parte de um ato moral e político que liga a produção de significados alternativos como forma de ação social transformadora, contribuindo, portanto, para a agenda da justiça social" (GARCÍA; WEI, 2014, p.37). Com relação ao trabalho de Jacquemet, embora García e Wei (2014, p.38) reconheçam seu valor, argumentam que “nem o conceito de linguagem, nem as dinâmicas de poder envolvidas nestas construções foram questionados” pelo autor. Destacamos, contudo, que em trabalho mais recente Jacquemet (2016) se move em direção a uma concepção de língua como conjunto de recursos móveis e fluidos. Também importa destacar que já em 2005, o autor considerava, de algum modo, as relações de poder inerentes às práticas transidiomáticas, regidas, como ele enfatiza, pela

soberania de corpos governamentais transnacionais, que definem quais práticas comunicativas podem ou não ser legitimadas (JACQUEMET, 2005, p.266).

Em nossa compreensão, essa aparente divergência está mais relacionada aos contextos considerados na proposição dos conceitos do que propriamente às suas bases epistemológicas. Enquanto Jacquemet (2005; 2016) enfoca a interação transnacional de grupos e indivíduos desterritorializados, situação que demanda mais o uso de tecnologias de comunicação, García e Wei (2014) dedicam atenção aos contextos educacionais, onde a copresença física de grupos humanos heterogêneos é maior, já que estão em contato direto entre si, como na interação entre estudantes e docentes de origens geográficas e culturais diferentes numa mesma sala de aula.

Consideramos, então, que as especificidades dos conceitos não sejam necessariamente divergentes, mas complementares, uma vez que nos parece haver compatibilidade entre a proposição de que tais práticas sejam possíveis pela existência de um sistema linguístico-comunicativo único, porém complexo e heterogêneo; constituído ao longo e através das complexas e muitas vezes imprevisíveis trajetórias de vida das pessoas; e que pode ser performado em diferentes situações, para diferentes fins, seja através de tecnologias de comunicação, ou da interação copresente, como nas salas de aulas.

De toda forma, abordados desde a perspectiva da complementariedade, e considerada a necessidade de ampliação teórica apontada nas seções 1 e 2 supra, reconhecemos o avanço epistemológico e analítico dos dois conceitos e sua validade para análises de situações comunicativas contemporâneas que têm, na realidade sociopolítica atual, a complexidade como maior característica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CARDOSO, Angela. **Bilinguismo de escolha em sala de aula da educação básica: investigando as práticas de linguagem dos participantes durante um processo de introdução do ensino bilíngue**. Projeto de qualificação de mestrado. Orientadora: Maria Inêz Probst Lucena. Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, 2014.

CESAR, America; CAVALCANTI, Marilda. Do Singular ao multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado das Letras. p.45-66. 2007.

GARCÍA, O felia. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective**. Malden, MA and Oxford: Basil/Blackwell, 2009.

GARCÍA, O felia; MENKEN, Kate. **Negotiating language policies in schools – educators as policy makers**. New York: Routledge, 2010.

GARCÍA, O felia; WEI, Li. **Translanguaging: language, bilingualism and education**. London: Palgrave, 2014.

GUEROLA, Carlos. **Às vezes tem pessoas que não querem nem ouvir, que não dão direito de falar pro indígena:** A reconstrução intercultural dos direitos humanos linguísticos na escola Itaty da aldeia guarani do Morro dos Cavalos. Dissertação de mestrado. Orientadora: Maria Inêz Probst Lucena. Programa de Pós-graduação em Linguística, UFSC, 2012.

JACQUEMET, Marco. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. **Language and communication**, n.25, p. 257-277, 2005.

JACQUEMET, Marco. Language in the Age of Globalization. In: BONVILLAIN, N. (ed.) *The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology*. New York: Routledge p.329-347, 2016.

LUCENA, Maria Inêz Probst. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. *Delta*, 31 – especial, p.67-95, 2015.

PENNYCOOK, Alastair. **Language as local practice**. London: Routledge. 2010

PRATT, Mary Louise. Utopias Linguísticas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v.52, n.2, p.437-459, 2013

WANG, Xuan et al. **Globalization in the margins**. Tilburg Papers in Culture Studies, 2013.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 28 de março de 2016.